



A FUNÇÃO SOCIAL E COMUNICATIVA DA EXPRESSÃO GRÁFICA INFANTIL

BELZ, Caroline Weingärtner¹; CAMARGO, Maria Aparecida Santana²

Resumo: Aprofundar conhecimentos sobre como a criança encontra significações enquanto desenha, em quais fases de desenvolvimento ela se encontra e como passa de um estágio para outro é o objetivo da presente investigação. É uma pesquisa de cunho bibliográfico e qualitativo e foi desenvolvida através de um aprofundamento teórico embasado nas teorias de Cox, Derdyk, Galvão, Gardner, Lowenfeld, Luquet, Piaget, Inherlder e Soares, dentre outros estudiosos e pesquisadores da temática. A relevância no estudo do grafismo infantil é que esse vai evoluindo à medida que a criança vai crescendo, logo ela começa a interrogar-se acerca de como os objetos se apresentam e começa a criar livremente pois para a criança, o desenho é um jogo pela qual ela desenha para se divertir. Através do desenho a criança canta, brinca, encena, coloca todos os seus sentimentos e pensamentos no papel, criando um universo só seu. Aprende noções de espaço, tempo, quantidade, sequência e desenvolve sua linguagem oral e escrita. Suas criações, desde as mais simples às mais elaboradas, representam no fundo à sua vida interior e afetiva, as quais são expressadas através do grafismo.

Palavras-chave: Conhecimento. Desenho. Desenvolvimento. Grafismo.

Abstract: Deepen knowledge about how the child finds meanings while drawing in which stages of development it is, and as it passes from one stage to another is the goal of the present investigation. It is a bibliographical survey and qualitative, was developed through a theoretical study grounded in theories Cox Derdyk, Galvão, Gardner, Lowenfeld, Luquet, Piaget, Inherlder and Soares, among other scholars and researchers of the subject. The relevance in the study of graphic child is that it develops as the child grows, she soon begins to wonder about how the objects are presented and begins to create freely because the child, drawing is a game by which she draws for fun. Through drawing the child sings, plays, stages, puts all his feelings and thoughts on paper, creating a universe of his own. Learn notions of space, time, quantity, sequence and develop their oral and written language. His creations, from the simplest to the most elaborate, represent the bottom of its inner life and emotional, which are expressed through graphics.

Key Words: Knowledge. Drawing. Development. Graphics.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia da UNICRUZ. E-mail: caroline.belz@yahoo.com

² Professora Doutora em Educação. Coordenadora do NUCART e Líder do Grupo de Pesquisa em Estudos Humanos e Pedagógicos da UNICRUZ. E-mail: cidascamargo@gmail.com



Introdução

A criança quando brinca, deixa sua marca, inventando jogos, contando histórias, dançando e cantando, mas ao desenhar ela constrói um espaço ao seu redor como se fosse um jogo de criação, no qual desenha algo para poder brincar com ele. Não há nada melhor para se conhecer uma criança, senão ouvindo-a e tomando o cuidado de falar-lhe adequadamente. Observá-la é fundamental para que se possa entendê-la e nada melhor do que vê-la desenhando/brincando.

Conforme Piaget e Inhelder (2001), "o desenho é uma forma de representação que supõe a construção de uma imagem bem distinta da percepção". O que a criança desenha não é a reprodução da imagem percebida visualmente, nem a imagem mental que se tem do objeto, consiste sim, na construção gráfica que ela tem naquele momento. Desta forma não é aconselhável interferir, direcionar ou dar desenhos prontos para a criança, isso poderá inibir a auto-expressão e projetar na mesma a incapacidade de desenhar.

Dentro deste entendimento, a maneira como a criança desenha seu espaço e como conta suas histórias diz muito sobre ela, pois para este pequeno ser, o desenho é a sua linguagem e sua primeira escrita. Nele são mostrados seus medos, inseguranças, ansiedades, alegrias e descobertas.

Em determinadas fases, a criança ainda não possui uma compreensão intelectual que lhe permita expressar-se oralmente de forma adequada, mas através de seu desenho, isto lhe é possível. Ela se modifica e é modificada ao desenhar, sofre transformações que lhe propiciam o seu desenvolvimento cognitivo e a percepção do mundo que a rodeia de forma criativa.

Falar sobre o desenho infantil é falar em desenvolvimento, aquisição de conhecimentos, construção de conceitos, organização de ideias, formulação de opiniões, capacidade intelectual e de comunicação e, muito mais. A riqueza do grafismo infantil possibilita à criança não só o prazer em desenhar, mas também muitos outros aspectos que serão abordados na sequência.



Metodologia

Aprofundar conhecimentos sobre como a criança encontra significações enquanto desenha, em quais fases de desenvolvimento ela se encontra e como passa de um estágio para outro é o objetivo da presente investigação. É uma pesquisa de cunho bibliográfico e qualitativo e foi desenvolvida através de um aprofundamento teórico embasado nas teorias de Cox, Derdyk, Galvão, Gardner, Lowenfeld, Luquet, Piaget, Inherlder e Soares, dentre outros estudiosos e pesquisadores da temática.

Resultados e Discussões

Existem várias teorias que tentam desvendar o processo de desenvolvimento da criança e cada uma delas têm práticas educacionais diferenciadas. Pode-se afirmar que essa manifestação durante a infância acontece de forma simples. A criança usa círculos, quadrados, triângulos, imagens de funil, etc.

Mesmo quando um tipo de desenho simples é apresentado por um adulto, a criança o transforma de modo peculiar e surpreendente. Ao desenhar, ela constrói, registra, organiza, expressa seus sentimentos, estabelece parâmetros de noções de tempo e espaço, desenvolve princípios básicos de estética, faz conexões de informações e amplia sua visão sociocultural.

Na faixa dos 3 até 5 anos, elas não são capazes de conceber a escrita como um meio de se recordar de algo. Somente aprendem formas externas quando imitam o adulto. Mas, antes disso, elas brincam com seus grafismos sem perceber que eles lhe servirão para o desenvolvimento da sua personalidade, criatividade, consciência moral e concepção de vida, ou mesmo para o "projetar-se para o futuro".

A evolução dos seus desenhos se faz por etapas e pode variar conforme o estado da criança. Uma criança com raiva, por exemplo, irá rabiscar com energia; a triste ou angustiada expressará seus desenhos com traços negros ou barras riscando o que acabou de produzir. Isso é apenas um indício, pois nunca se deve interpretar um desenho isoladamente, ou fora do seu contexto.

É de extrema importância que o educador tenha um "olhar pensante" em relação aos seus alunos, principalmente no que se refere ao desenho infantil.



Infelizmente a escola se preocupa mais com a linguagem ensinada do que com a linguagem natural dos pequeninos, que é o desenho, objeto deste estudo. Daí a necessidade de se investir primeiro na educação do educador, pois sem isso as crianças perderão o seu dom natural mais belo, que é o de se comunicar e se expressar espontaneamente.

No ambiente escolar o desenho se encaixa dentro de uma atividade artística que faz parte da vida curricular do educando, principalmente na educação infantil. O desenho é uma expressão de caráter mais inconsciente e menos controlador que a linguagem oferece, integra as dimensões cognitivas e afetivas, está situada como uma manifestação simbólica por excelência. Quando observa-se a criança ao desenhar e sua atitude frente a essa atividade criativa, analisa-se seu envolvimento e concentração, prazer e relaxamento, seu estado emocional, permitindo um acesso ao mundo interno.

Para Galvão (1992, p. 55), "o olhar que o professor dirige ao desenho da criança apoia-se nas concepções que ele tem sobre o desenho enquanto linguagem, ideias constituídas na sua própria história e experiência com a linguagem". Se o educador não possuir uma vivência prática da linguagem expressiva, facilmente incorrerá de erros grosseiros na avaliação daqueles rabiscos e figuras aparentemente inúteis. O educador deve valorizar sempre o desenho dos educandos, por mais que seja indecifrável ao seu olhar, todo desenho vem carregado de significados e a criança quando vê seu desenho valorizado fica entusiasmada e aprende cada vez mais.

Nessa perspectiva, o desenho da criança favorece o seu desenvolvimento criativo e sua aprendizagem. Faz-se necessário conscientizar o educador para refletir sobre seu papel de formar um sujeito completo dentro de seus ideais, valorizando assim o desenho da criança e olhando para o mesmo como algo importante, fazendo com que o educando se torne um conhecedor da arte.

Mesmo nos anos iniciais do Ensino Fundamental, dos 6 aos 8 anos, o desenho deve ser visto como forma de expressão e não apenas como um passatempo nas escolas. A expressão gráfica se faz indispensável, pois não se trata apenas de uma função cultural-educativa, mas utilitária, trabalhando fases desse desenvolvimento.

Dos 9 aos 12 anos, por exemplo, a criança descobre que é membro de uma sociedade que é constituída por seus pares, grupo de iguais, um mundo real.



Segundo Lowenfeld e Brittain (1970), na fase da Idade da Turma, as crianças descobrem interesses semelhantes, segredos compartilhados em comum, prazer em realizar coisas em conjunto, e essas experiências são fundamentais para que seja alicerçada sua capacidade de trabalho em grupo e de cooperação. Além disso, esta fase caracteriza-se, também, pelo crescente progresso da independência social do domínio adulto, pela aprendizagem das estruturas sociais de modo todo pessoal.

Nessa fase, o desenvolvimento esquemático já não é adequado para representar a figura humana, começam as representações de características ligadas ao sexo (temas diferenciados para as meninas e meninos), caminhando para uma forma mais ligada à natureza, embora ainda distante da representação visual. Outra característica que se observa, é que, se por um lado a criança adquire o sentido do pormenor, por outro frequentemente ela perde o sentido da ação, de forma que suas representações da figura humana acabam apresentando uma maior rigidez.

Nesse sentido, a consciência visual é maior: já não exagera e nem omite partes e existe maior proporção entre os elementos, acumulando detalhes nas áreas emocionalmente significativas. Preocupação com detalhes, às vezes até em excesso, não aparecendo ainda luz, sombra ou movimento. Não há mais a transparência, nem os “dobrados”, toma consciência da superposição.

De igual modo, há aproximação entre cor e objeto, percebe mais as nuances de cores; é mais sensível às semelhanças e diferenças; temas diferentes para meninas e meninos. Passa da linha de base única (que começa a desaparecer e o espaço que fica abaixo dela que tem o sentido de solo) para o descobrimento do plano (espaço entre linha de base preenchido). Aparece a representação do horizonte, que são os primeiros passos para a consciência de profundidade.

Depois que a criança passa pela experiência das amizades, a Fase da Turma, ela ingressa em outro estágio dos 12 aos 14 anos, que é chamada de Fase Pseudonaturalista por Lowenfeld (1977). Esta fase conhecida também como puberdade ou pré-adolescência é um período de grandes transformações físicas e nas áreas mental, emocional e social. Para este autor (1977), as mudanças corporais num indivíduo determinam maior consciência do seu lugar na sociedade e deverá acontecer, paralelamente, uma orientação com referência ao seu ambiente.

Após este período, vem o fim da arte como atividade espontânea e tem início o período da razão e da crítica. Essa é a fase das caricaturas dos professores, dos pais e dos colegas, dificuldade de contato com as transformações corporais e



psicológicas, dificuldades de desenhar a si mesmos e os desenhos são depreciativos.

É normal as articulações nas figuras humanas e o exagero nas características sexuais. O tridimensional aparece e os objetos mais distantes apresentam tamanho reduzido, dando a ideia de profundidade e de perspectiva. Ao mesmo tempo, há simpatia por desenhos de natureza e paisagem aumenta.

Por fim, a partir dos 14 anos, o desenho é produto de esforço consciente e é o início de uma aprendizagem voluntária para a arte. Nessa idade é crescente a consciência estética e a presença de objetos não objetivos, ou seja, abstratos, é recorrente.

Considerações Finais

O papel do educador deve ser o de orientar, levar, mediar, encaminhar a criança e o adolescente às descobertas que o mundo lhe oferece, ampliando suas capacidades e potencialidades e estabelecendo princípios que nortearão estas conquistas. Respeitar suas individualidades e seu processo de desenvolvimento, mostrar a beleza das coisas, incentivar a estética e motivar são meios de auxiliar as relações que os educandos irão estabelecer entre as suas conquistas e descobertas.

Se o ser humano não estiver aberto para as mudanças que a vida lhe imporá, se não estiver apto para interagir, ou não estiver em sintonia com o que acontece ao seu redor, sua vida será desgastante e sem brilho. Os conhecimentos não podem ser somente aqueles que aprendemos de forma imposta; os naturais ou aqueles que parecem nascer com o ser humano são igualmente importantes e não devem ser esquecidos.

Concluindo, a teoria evolutiva do ser humano afirma que o homem possui a capacidade de pensar, meditar, ter ideias, criar, aprender e transformar. O homem tem necessidades de transformar tudo, segundo suas inclinações e/ou necessidades e transmite essas características ao longo das gerações posteriores.

É nesse sentido que na contemporaneidade os processos de ensino-aprendizagem levam em consideração a cooperação social, a qual é um dos elementos importantes e também agentes formadores da gênese infantil. Esta é uma concepção que o educador tem em mente ao olhar para seus alunos. É



imprescindível deixá-los à vontade para que se expressem, individual ou coletivamente. Quando a criança começa a utilizar elementos tais como os gráficos universais, ela percebe que pode comunicar-se, entrar em contato com os outros. É um processo de comunicação, de função social.

Pais e educadores têm uma responsabilidade grande em incentivar e não deixar morrer a linguagem do desenho nos educandos para que o mundo possa ser mais belo, transparente e verdadeiro, pois muito da sensibilidade humana vem deste magnífico meio de comunicação.

Referências

COX, Maureen. **Desenho da Criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

DERDYK, Edith. **Formas de Pensar o Desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 2003.

GALVÃO, Izabel. **O Desenho na Pré-Escola**: o olhar e as expectativas do professor. N. 14. São Paulo: FDE, 1992. (Série Ideias). p. 53-61. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/dea_a.php?t=022>. Acesso em: 26 de março de 2013.

GARDNER, Howard. **As Artes e o Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LOWENFELD, V; BRITAIN, W. L. **Desenvolvimento da Capacidade Criadora**. São Paulo: Mestre, 1970.

LUQUET, Ginter. **O Desenho Infantil**. Porto Alegre: Duminho, 1969.

PIAGET, Jean; INHERLDER, Barbel. **A Psicologia da Criança**. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SOARES, Marina Lisboa. **O Desenho Infantil**. Flórida Review, Miami/FLA-USA. N. 353. Ano 18. 01. ago. 2003. (Seção Educação). p. 18. Disponível em: <http://www.mlpsicopedagogia.com/artigo2_47.html>. Acesso em: 25 de março de 2013.